



O drama da Cachemira

Há cinco anos, a Cachemira vive um dos piores dramas de sua história: a guerra pela independência, que guerrilheiros islâmicos travam contra o exército indiano

João Vicente Ganzarolli de Oliveira *

Situado entre a China, o Paquistão, o Afeganistão e os estados indianos de Himachal Pradesh e Punjab, Jammu & Cachemira¹ tem uma área de 222.798 km² (pouco menos do que o território de Roraima), onde vivem aproximadamente 8 milhões de pessoas. Apesar da baixa densidade demográfica – em contraste com a grande maioria dos outros estados indianos –, encontra-se aí uma acentuada diversidade étnico-religiosa, herança de muitas culturas que vêm se sucedendo há milênios.

Inicialmente, a Cachemira fez parte de diversos reinos autônomos, compreendendo uma parte do Punjab e do Afeganistão, sendo várias vezes incluída no território indiano, como, por exemplo, durante a época dos imperadores Ashoka (séc. III a.C.) e Kanishka (séc. II d.C.). Do século IX até o começo do século XIV, graças ao isolamento geográfico, a Cachemira não sofreu a expansão islâmica.

Em 1338, Kota Devi, o último soberano da Cachemira, cometeu suicídio e, a partir daí, o país tornou-se um sultanato muçulmano. Foi integrado ao reino do Afeganistão em 1739. Oitenta anos depois, passava para o domínio do marajá *sikh* Ranjit Singh. Um antigo funcionário dele, Gulab Singh, seria re-

conhecido pelos ingleses (que assumiram o controle da região em 1846) como marajá de Jammu & Cachemira. Adotando uma política expansionista, Gulab Singh conseguiu anexar o Ladakh, antigo vassalo do Tibete.

Com a partida dos ingleses, em 1947, o Paquistão sentiu-se no direito de reivindicar as terras da Cachemira, apelando para o fato de ser ali uma área com população predominantemente islâmica. Em oposição aos planos paquistaneses, o marajá da Cachemira preferiu a soberania indiana.

A revolta do vizinho ocidental provocou a atuação de tropas irregulares paquistanesas no sul da região – fato que ocasionou a intervenção do Conselho de Segurança da ONU. Em 1949, este órgão estabeleceu uma linha provisória de demarcação, dividindo a Cachemira entre o Paquistão e a Índia, à espera de um plebiscito.

Quando este foi realizado, os eleitores se pronunciaram a favor da permanência na Índia, tese defendida pelo então primeiro-ministro Jawaharlal Nehru – hindu, nascido na Cachemira e pai de Indira Gandhi, que viria a ser primeira-ministra anos depois.

No ano de 1957, o exército indiano ocupou efetivamente a parte setentrional da Cachemira. A controvérsia indo-

paquistanesa relativa à posse da região alcançou o apogeu em 1965, com os dois países indo à guerra, que teve a Índia por vencedor.

Uma região rica – Até 1989, quando teve início a luta pela libertação, a Cachemira representava uma das mais lucrativas fontes de arrecadação para os cofres da receita indiana. E isto não se devia apenas às riquezas naturais, como o carvão, o ferro, o chumbo, as árvores frutíferas, a madeira, o arroz e a lã.

A região, belíssima por causa de seus lagos e montanhas nevadas, e plena de monumentos de imenso valor histórico (desde antigos templos hindus aos famosos jardins da dinastia mongol), atraía anualmente dezenas de milhares de turistas – cifra que, com a guerra, vem diminuindo drasticamente.

Em verdade, o conflito radica-se principalmente no famoso Vale da Cachemira, que ocupa uma área com cerca de 4.000 km², entre os altos picos da Cordilheira do Himalaia.

“Quando éramos livres, utilizávamos de maneira controlada nossos recursos naturais”, disse Gulam Russul, comerciante muçulmano nascido no Vale, mas que hoje vive em Goa, a mais ocidentalizada cidade indiana. “Somente as árvores já mortas eram abatidas,

apesar de necessitarmos tanto da madeira para a construção de barcos, de casas e para o aquecimento. Desde que o imperialismo indiano fincou raízes na Cachemira, nossas florestas e demais riquezas vêm sendo devastadas.

Atualmente, pelo menos 1 milhão de soldados indianos ocupam a Cachemira; já o número de guerrilheiros não chega a 60 mil. Em contrapartida, a flagrante inferioridade numérica não abala a confiança que o povo cachemire deposita nestes últimos, que os indianos chamam de "militantes rebeldes", e que se autodenominam *mu jahidin*².

Ahmed Ibrahim, muçulmano, professor de História da Faculdade de Srinagar (capital do estado), explicou: "Para nós, *mu jahid* é todo aquele que luta em nome de Alá, ou seja, de Deus, contra os que praticam o mal. O termo já era usado no século VII, quando o Islã começou a se expandir através das terras de Bizâncio, da Pérsia e do norte da África. Segundo a tradição, como graça especial de Alá, o corpo de um *mu jahid* que morre em batalha é mantido intacto no Paraíso. E o mesmo grito de guerra que, outrora, fez desmoronarem grandes impérios, hoje faz com que os soldados da Índia tremam de pavor, pois sabem que se inicia um ataque da guerrilha: *Allahou Akbar* ("só Alá é tão grande")."

Violações aos direitos humanos
- Nas ruas da (ainda) bela cidade de Srinagar, principal foco da resistência islâmica, existe uma barricada indiana a

cada 100 metros. As pessoas evitam sair após o entardecer, quando costumam acontecer os combates.

"Quem mais tem sofrido com a guerra é a população civil", comentou o pai-deiro muçulmano Aslam. "Incapazes de fazer frente à tática de guerrilha dos *mu jahidin*, os soldados indianos têm cometido atrocidades. Muitas vezes, sem o menor motivo, prendem e torturam cidadãos comuns, e atiram a esmo na população, causando a morte de pessoas inocentes, incluindo velhos, mulheres e crianças. Isto sem falar na proibição da presença da Cruz Vermelha e demais associações de âmbito mundial, nos obstáculos à vinda de jornalistas, nos constantes casos de mulheres muçulmanas violentadas por integrantes do exército de ocupação e nos inúmeros feridos aos quais se proíbe o atendimento médico. Há cerca de dois anos, condenaram à morte um médico, ao descobrirem que prestava assistência a muçulmanos vítimas de ferimentos decorrentes da guerra. E note-se que este médico era hindu..."

Devido à rigorosa censura sofrida pelos meios de comunicação na Cachemira, é difícil precisar o número total de mortos desde o início do conflito. Estima-se, porém, que tenham morrido dez mil guerrilheiros; 15 mil militares indianos e 25 mil civis.

"Sabemos quão dolorosa para o nosso povo tem sido esta guerra", afirmou um dos *mu jahidin*. "Os indianos são muito mais numerosos e contam com o apoio de Israel. Mas nós, além de recebermos armas, munições e mantimen-

tos de outros países islâmicos, tais como a Arábia Saudita, o Irã, o Afeganistão e o Paquistão, temos a vantagem de conhecermos melhor a região. Convém lembrar, no entanto, que, embora os paquistaneses encontrem-se entre os nossos aliados, seu país ocupa indevidamente uma parte de nosso território - parte esta que desejamos reaver tão logo nos libertemos da Índia."

Masoumeh Ramezani, nascida em Teerã, vive hoje em Madras, no sul da Índia, onde estuda Filologia. "No Hindi, assim como no Urdu³, a mesma palavra (*kal*) pode significar tanto ontem como amanhã", nos disse.

E explica: "A ação passada ou futura é indicada pelo contexto presente no discurso. É uma das muitas situações em que as palavras adquirem vida própria, falando por si mesmas o que tantos livros não são capazes de expressar com igual precisão. Realmente, o tempo aparenta ser imutável na Índia. No hinduísmo, a rigidez do sistema de castas - em que cada pessoa tem sua posição previamente determinada - e a submissão ao ciclo de reencarnações que rege a vida e a morte confirmam isso. Entre nós, que professamos o Islã, existe a crença no caráter inexorável do destino imposto por Alá. Portanto, não há sentido em buscarmos uma demarcação rígida que separe o passado, o presente e o futuro. Daí, a ausência de uma concepção histórica de matiz evolutiva no mundo islâmico. Mesmo assim, não faltam pessoas de nossa religião que interpretem os sofrimentos da guerra do Ca-

Caldeirão religioso

De acordo com as estimativas baseadas no último censo, realizado em 1981, é a seguinte a distribuição da população em termos de religião:

Muçulmanos	64%
Hindus	32%
Sikhs	2%
Budistas	1%
Cristãos	0,15%
Outros	0,85%



Os mujahidin combatem em nome de Alá para conquistar a sua liberdade



Em Karachi, capital do Paquistão, cachemires refugiados queimam uma bandeira da Índia

chemira como um meio de expiação de nossas faltas.”

A situação piora – Segundo Raza Ahmed Khan, engenheiro paquistanês radicado em Londres e defensor da causa dos cachemires, a situação tende a piorar cada vez mais para a Índia. “O governo de Déli terá dificuldades para sustentar a guerra por muito mais tempo”, afirma.

Para ele, é uma ironia o fato das riquezas naturais e o turismo da Cachemira terem abastecido fartamente os cofres de Déli, enquanto agora, com a guerra, a economia da região está arrasada e o turismo quase não existe mais.

O governo indiano teme que o exemplo da Cachemira seja seguido por outros estados, como o Punjab, por exemplo, que os *sikhs* desejam chamar de Kalistão**4. “Mais cedo ou mais tarde, Déli terá que ceder diante dessas reivindicações. Acontecerá com a Índia o mesmo processo de fragmentação que temos visto na ex-União Soviética e na antiga Iugoslávia – e seria demasiado utópico de minha parte supor que tal coisa venha a ocorrer de forma pacífica. Creio ainda que o envolvimento do Paquistão no conflito é o principal fator responsável pelo fracasso das negociações de paz. Evidentemente, o governo da Índia teme o alargamento da zona de influência paquistanesa na região”, analisa Ahmed Khan.

A situação, contudo, é bem mais complexa do que pode parecer à primeira vista, por causa dos diferentes interesses que a questão envolve. Para Shiamlal Desai, hindu, guia de turismo e morador de Nova Déli, “o verdadeiro objetivo dos cachemires é corroer a unidade da nação indiana. E isso interessa muito aos nossos inimigos, como os paquistaneses, que apóiam a guerrilha

através da fronteira e da parte da Cachemira que eles ocupam”.

A Cachemira é um dos principais produtores mundiais de haxixe, e o principal abastecedor da rota de tráfico que atravessa o território paquistanês a caminho do Afeganistão. Conseqüentemente, os grandes empresários da droga – que também investem na guerrilha – vêem na libertação a possibilidade de obterem o domínio econômico e político do lugar, mediante a instalação de um governo fantoche por eles controlado.

A posição das minorias – Considera-se ainda o fato de que o desejo muçulmano de liberdade não é partilhado pelas minorias pertencentes a outras religiões. “Há muito de fanatismo e desejo de poder da parte do muçulmano cachemires em todo este problema”, disse o monge budista Tenzin Chuklang, residente na cidade de Leh, capital do distrito de Ladakh.

“Embora nós, ladakhis budistas, estejamos ligados racial e culturalmente ao Tibete, preferimos continuar integrados à Índia, já que o espaço tibetano foi invadido pelo exército chinês. Os hindus não interferem em nossos costumes e crenças. Sob a tutela muçulmana, temos medo de que nosso povo seja perseguido e de que nossos mosteiros sejam profanados.”

Declaração análoga foi dada por Elizabeth Gregor, cristã pertencente à paróquia de St. Paul, em Srinagar, que visitava amigos em Leh, e acrescentou: “No mínimo 50% dos muçulmanos na Cachemira não sabem ler nem escrever. O baixíssimo nível cultural da população facilita a crença em promessas ilusórias, garantindo assim o apoio aos guerrilheiros. Seria bom se tivéssemos negociações de paz guiadas por um espírito de paz e cooperação.”

Anseios de paz – A guerra na Cachemira é tema polêmico em toda a Índia. Na cidade no Motihari, em Bihar – um dos estados mais pobres do país, próximo a Bangladesh –, as poucas notícias chegadas através dos refugiados e dos viajantes estrangeiros que se dirigem para o Nepal (o “pequeno vizinho feliz”, como é chamado por alguns indianos) são ouvidas e discutidas com paixão pelos seus habitantes.

Suraj Singh, proprietário de um restaurante em Motihari, declarou: “Apesar de pertencer à religião *sikh* e de nunca ter estado na Cachemira, identifique-me com a causa muçulmana. Aqui em Bihar, o sistema hinduísta de castas, ao mesmo tempo em que assegura a supremacia dos poucos abastados, justifica a miséria da grande maioria do povo. O hinduísmo reduz a zero a diferença entre os homens e as bestas. A miséria é tanta, que a carne dos cachorros e a dos ratos chega a ser disputada pelas pessoas famintas. Entre os islâmicos da Cachemira, segundo ouvi dizer, ninguém passa fome, embora estejam em guerra. O espírito de unidade preconizado no Corão favorece a ajuda mútua.”

Fayaz Ali Shaid, refugiado cachemire freqüentador do restaurante do sr. Singh, completou: “Tudo o que queremos é que os cachemires possam voltar a viver pacificamente em sua própria terra. Nossa grande arma é a fé. O pouco que temos recebido dos homens é compensado pelo muito que recebemos de Alá, Senhor de tudo e de todos. Acrescento ainda que, no caso em questão, os soldados indianos lutam basicamente para cumprir seu dever como militares, ao passo que os *mujaahidîn* lutam para defender famílias e o solo em que nasceram, em nome de Alá – a principal testemunha do drama da Cachemira.”

¹ Apesar do nome composto, o estado é normalmente chamado apenas de “Cachemira”

² Na língua árabe, *mujaahidîn* é o plural do substantivo *mujaahid*, proveniente do verbo *jahada*, que quer dizer, lutar, dedicar-se, esforçar-se, etc.

³ Sob o aspecto puramente lingüístico, o hindi e o urdu são a mesma língua. Porém, no léxico e na escrita, enquanto o hindi segue o sânscrito, o urdu orienta-se pelo árabe e pelo persa

⁴ No hindi, e também no urdu, *sthan* significa país ou lugar. Dai, Kalisthan – País de Kali; Pakhistan – País do Oeste, etc.

* Professor de Filosofia da Faculdade João Paulo II e Doutorando em Ciência da Literatura na UFRJ. Esteve recentemente na Índia, onde visitou a região da Cachemira, na qual entrou e permaneceu clandestinamente